

# Diversidade musical e currículo do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima: olhares discentes

## Comunicação

*Pâmela Barroso de Araújo Cruz  
Universidade Federal de Roraima  
pamela\_araujobpc@hotmail.com*

*Jessica de Almeida  
Universidade Federal de Roraima  
jessica.almeida@ufrr.br*

**Resumo:** A comunicação é um recorte da monografia da primeira autora, que teve como objetivo analisar os reflexos das experiências oferecidas pelas diferentes atividades do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima (UFRR) nas práticas pedagógicas dos participantes da pesquisa no que se refere à diversidade. A pesquisa foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa, utilizando a metodologia grupo focal. As conversas com o grupo de alunos do referido curso visaram compreender seus pontos de vista, como eles pensam, quais suas perspectivas e dificuldades frente à diversidade escolar e como as atividades do curso auxiliam (ou não) na resolução de possíveis desafios desse contexto. Para atender o referido objetivo, o grupo focal foi composto por alunos do curso que já tivessem experiência pedagógica na educação básica, Por entender que estes teriam um olhar mais amadurecido sobre o contexto escolar do que alunos que não tivessem tido esse contato com a sala de aula.

**Palavras-chave:** multiculturalismo, formação inicial, professor reflexivo.

## Introdução

Ingressei<sup>1</sup> no curso de Licenciatura em Música no segundo semestre de 2014, com muitas expectativas. No decorrer do curso, fui conhecendo mais sobre história da música ocidental, sobre a teoria desta música e compreendendo que processo se deu até chegar nas músicas que eu ouvia antes da universidade e que continuei ouvindo, só que agora com “outros” ouvidos.

---

<sup>1</sup> A referida pesquisa foi desenvolvida pela primeira autora, orientada pela segunda autora. Por este motivo, em fragmentos do texto que se referirem às experiências docentes da pesquisadora, a escrita estará na primeira pessoa do singular.

Neste curso, assim como em outros espaços onde a diversidade musical se inscreve, é comum ouvir julgamentos de valores quanto a determinados repertórios. Expressões como *música boa, superior*, são comuns, e por vezes, acabam sendo naturalizadas em alguns discursos. Vi o quanto algumas pessoas, não só da universidade, mas da sociedade em geral, aceitam essa afirmação com facilidade, sem questionar ou analisar, como se música de concerto (tradicionalmente música da história ocidental, hegemônica, branca, europeia) fosse a música dos inteligentes ou elevados intelectualmente e a música popular de pessoas não intelectuais. Não demorou muito para esta constatação começar a me incomodar. Talvez por já terem vivências musicais mais diversificadas com músicas de diferentes culturas, alguns colegas, igualmente, não concordavam com esse tipo de classificação precipitada, não negando ou diminuindo as demais formas de expressões musicais, e sim, compreendendo suas funções na sociedade. Outros, defendiam e continuam a defender a visão que apresenta a música de concerto como *erudita, música superior, melhor, maior*. Essa visão me incomoda, porque eu vejo como uma forma de diminuir o povo que faz outros tipos de música.

Mesmo constatando que ambos os Projetos Pedagógicos do Curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2015; 2017) apresentam no perfil do egresso profissionais que sejam capazes de trabalhar a interculturalidade, respeitando as vivências dos alunos, sem impor padrões, encontramos inúmeras vezes a dicotomia *música erudita x música popular*, que não se restringe ao discurso, mas se reflete, também, na forma de ensino e didática em sala de aula, trazendo para o contexto acadêmico, tão plural, um ensino, por vezes, pautado no *ensino conservatorial*. Esse termo foi discutido por Pereira (2014, p.96) a partir do conceito de *habitus conservatorial*, entendido por ele “como uma ideologia própria do campo artístico que foi incorporada nos agentes que passaram a atuar no campo educativo.” Segundo Pereira (2014, p. ,96) esta ideologia “baseia-se na superioridade da música erudita, ligada a uma suposta autonomia, a um vácuo social que, contudo, não existe”. Essa forma de ensino se mostra seletiva, e remete-se ao tempo em que muitas pessoas acreditavam que as habilidades musicais eram um dom, algo sobrenatural, dado somente a escolhidos (pensamento que ainda permeia a sociedade onde estou inserida).

Chegando ao fim do curso e obtendo a experiência nas salas de aula durante a prática de estágio, entre outras oportunidades, noto como esse tema precisa ganhar mais espaço na

universidade para que o resultado dessas discussões cheguem da melhor forma nos diferentes espaços de atuação de seus egressos.

Desta forma, busquei analisar os reflexos das experiências oferecidas pelas diferentes atividades do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima (UFRR) nas práticas pedagógicas dos participantes da pesquisa no que se refere à diversidade.

## Metodologia

Visando compreender o ponto de vista dos participantes da pesquisa, como eles pensam, quais suas perspectivas e dificuldades, frente à diversidade escolar e como as atividades do curso auxiliam (ou não) na resolução de possíveis desafios desse contexto, utilizei a metodologia grupo focal. Neste, segundo Gondim (2003), o pesquisador assume uma posição crítica, mas está, tanto quanto os sujeitos da pesquisa, implicado no processo de investigação. Sua maneira de olhar e interpretar o fenômeno é contextualizada, individual, histórica, cultural e socialmente construída.

Buscando atender o objetivo da pesquisa, convidei alunos do Curso que tivessem experiência em pelo menos dois estágios supervisionados, participação no Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID), e/ou fizessem parte do Programa Residência Pedagógica (PRP). Esse critério deveu-se ao entendimento de que estes alunos teriam um olhar mais amadurecido sobre a prática docente, considerando suas experiências em escolas básicas, do que alunos que estão tendo seus primeiros contatos com a sala de aula.

O roteiro de conversas com o grupo teve temas-chave a serem investigados, como a presença de diversidades na sala de aula, a formação docente, formação musical, música na educação básica, relações teoria/prática, entre outros. Iniciei buscando não fazer perguntas diretas, ou utilizar diretamente os termos como multiculturalismo, professor reflexivo, *habitus conservatorial*, etc., para permitir que os elementos essenciais aparecessem de forma mais natural, e não direcionados por minhas falas/intervenções, buscando identificar a maneira em que eles lidam com a diversidade sociocultural presente nas escolas em que atuam, e a maneira como foram/estão sendo formados para essa atuação.

Para ajudar a sustentar as ideias emergidas das conversas com os colegas residentes, realizei pesquisa bibliográfica buscando o embasamento teórico fundamental para elaboração de um trabalho pertinente, de forma que me auxiliasse a levantar informações relevantes. Tal pesquisa partiu da leitura crítica e problematização de escritos de livros, artigos científicos, dissertações, teses e outras publicações relevantes que apresentassem um conteúdo cientificamente explorado, buscando fontes que serviram de base para a construção da investigação proposta a partir de meu objeto de pesquisa. A conversa com o grupo partiu de temas como a *diversidade, perspectiva multicultural para o ensino da música, currículo do e pensamento do professor* (perspectivas, anseios, dificuldades), buscando identificar ideias antagônicas às minhas, e respostas às problematizações apresentadas nesta pesquisa, anteriormente debatidas por diversos autores. Realizei, também, pesquisa documental, analisando os Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) contexto da pesquisa, entendendo-os como norteadores dos professores que atuam no Curso em questão, analisando como é tratada a concepção de música, de educação musical, de diversidade escolar, dos estímulos à reflexão e autonomia do futuro docente.

Outros documentos analisados, que apesar não estarem mais em vigor, forneceram subsídios para que os professores se baseassem ao trabalhar a diversidade de forma multicultural, foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que foram, por muito tempo, norteadores da educação básica em todo o país, sendo que sua substituição pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda é bastante recente, além de agregarem fortemente o conceito de diversidade. E junto aos PCN's, também analisei o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), que surgiu como forma de orientar os professores com um conteúdo programático e organizado por faixa etária. Por fim, coube revisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento que define os conhecimentos essenciais que todos os alunos da Educação Básica têm o direito de aprender e como informado outrora, entrou em vigor neste ano.

## Diversidade e multiculturalismo

A discussão sobre diversidade tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade, especialmente, na Educação, como uma necessidade de “intervir na sociedade de acordo com suas manifestações culturais, demonstrando sensibilidade e criação artística e excelência prática” (BRASIL, 2004, p.2), esta trabalhada de forma multicultural, visando “propiciar que diferentes culturas habitem e convivam igualmente e harmoniosamente no mesmo local, sem que uma domine ou menospreze a outra” (SANTIAGO; IVENICKI, 2016, p. 948). Para Barbosa (1998):

Multiculturalismo é o denominador comum dos movimentos atuais em direção à democratização da educação em todo o mundo. O equilíbrio entre a configuração de uma identidade cultural e a flexibilidade para a diversidade cultural é um objetivo e, provavelmente, uma utopia, que colocará a educação em movimento constante, porque nem a identidade nem os elementos do meio ambiente são fixos (BARBOSA, 1998, p. 79).

A autora buscava prever, há mais de vinte anos atrás, como o multiculturalismo afetaria a educação em todo o mundo, pois, como entendido neste trabalho, é uma forma de se trabalhar/de tratar a diversidade. Posteriormente, tornou-se uma necessidade mundial para lidar com a globalização, promovendo a interação entre pessoas de diferentes culturas, que vivem nos mesmos lugares. Penna (2005) diz que

o multiculturalismo busca propostas que possam acolher a diversidade cultural presente na sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos tolerantes e democráticos [...] E implica uma concepção ampla de arte, capaz de abarcar as múltiplas e diferenciadas manifestações artísticas, e o mesmo se coloca no campo específico da educação musical (PENNA, 2005, p. 10)

Acredito que tanto Barbosa (1998), quanto Penna (2005), enxergavam a necessidade de se trabalhar multiculturalmente o ensino da Arte, sendo esta a função do multiculturalismo na educação: proporcionar que a diversidade e as manifestações artísticas fossem estudadas e valorizadas, independentemente de suas origens ou contextos. Sobre isso, Penna (2005) reforça que

o que o multiculturalismo indica para a educação musical – e, de modo mais amplo, para o ensino de arte –, é a necessidade de trabalhar com a diversidade de manifestações artísticas, considerando a todas como significativas, inclusive conforme sua contextualização em determinado grupo cultural (PENNA, 2005, p. 14).

Considerar todas as manifestações artísticas é valorizar o ser humano por trás dessas manifestações. É valorizar a diversidade cultural e proporcionar que estas se enriqueçam mutuamente, pois são tratadas como igualitárias, na medida em que são apresentadas em sala de aula de forma multicultural.

Como exemplificado outrora, como professores de música teremos que lidar com outros aspectos da educação e das diversidades que envolvem nossos alunos e não unicamente as musicais. Queiroz (2013) nos diz que a diversidade que permeia os campos de saberes (musicais ou não) que envolvem os alunos, as atividades de ensino, os contextos sociais e etc., estão em constante diálogo nas escolas dos dias de hoje, escolas essas, nas quais possivelmente atuaremos. Afinal, essa diversidade reconhecida, estabelecida e concebida como pilar da educação contemporânea perpassa, também, as bases do ensino de música no contexto escolar (QUEIROZ, 2013). Busquei contemplar, em minha pesquisa, esses e outros aspectos da diversidade que estão inseridos na prática docente, porém, tendo em vista a necessidade de focar na área musical e a importância de delimitar o tema, apenas pincelarei sobre esses outros aspectos (além da música) da diversidade na sala de aula, tendo em vista a pertinência dessas temáticas para minha formação docente.

## Considerações

Até o presente momento, a pesquisa tem apontado alguns caminhos para lidar com a diversidade musical presente na sociedade e refletida na escola, como o multiculturalismo e a pluralidade. Um desses caminhos é apontado por Queiroz (2011), o caminho da pluralidade, a fim de contemplar e evidenciar as diversidades. Nesse contexto, (PENNA, 2005, p. 10 – grifo nosso) nos diz que:

O multiculturalismo no ensino de arte, implica **uma concepção ampla de arte**, capaz de abarcar as múltiplas e diferenciadas manifestações artísticas, e o mesmo se coloca no campo específico da educação musical. Uma

concepção ampla de música é, por um lado, uma condição necessária para que a educação musical possa atender a perspectiva multicultural. Por outro lado, a concepção da multiculturalidade contribui para a ampliação da concepção de música que norteia nossa postura educacional.

Entende-se, assim, o multiculturalismo como uma forma de tratar e trabalhar com a diversidade, como um dos pilares para a formação do educador musical contemporâneo atuar nas escolas de educação básica do país, pois nota-se que “não basta tocar” (PENNA, 2007; CERESER, 2003), saber música não é suficiente para atuar nos contextos de ensino musical. Isso está além dos conteúdos musicais, havendo a necessidade de um suporte teórico-pedagógico específico. Para ser um professor de música, não basta dominar as técnicas musicais e a teoria musical ocidental, é preciso, igualmente, tornar-se um professor que saiba trabalhar com/e na diversidade, para atender as demandas da sala de aula, atender as diversas demandas musicais dos discentes. Sobre isso, Penna (2007) considera que:

Se não basta tocar, uma licenciatura deve ser muito mais, formando um profissional capaz de assumir – e responder produtivamente ao:

- Compromisso social, humano e cultural de atuar em diferentes contextos educativos.
- Compromisso de constantemente buscar compreender as necessidades e potencialidades de seu aluno.
- Compromisso de acolher diferentes músicas, distintas culturas e as múltiplas funções que a música pode ter na vida social (PENNA, 2007, p. 53).

Para cumprir com esses compromissos, é fundamental que o professor esteja aberto ao diálogo e à troca de experiências musicais com os seus alunos, trabalhando a diversidade em uma perspectiva multicultural, urgente à demanda do estado de Roraima, considerando o aumento do fluxo migratório nos últimos anos. A partir dessa abertura para ouvir o aluno, suas experiências e práticas musicais, se torna menos provável que este professor não considere importantes as experiências trazidas pelos alunos, experiências essas, que entrando em diálogo e sendo trabalhadas em sala de aula, podem promover a troca e a ampliação do universo cultural dos alunos (PENNA 2005).

Outra concepção reconhecida até o momento para lidar com a diversidade é apontada por Penna (2010, p. 29): a formação de um professor reflexivo, que é definido por esta autora como

um profissional autônomo, que se questiona, toma decisões e cria durante a sua ação pedagógica. Observando seus próprios alunos, as situações educativas com seus limites e potencialidades, criando e experimentando alternativas pedagógicas – inclusive elaborando materiais de ensino próprios -, o conhecimento profissional dos professores constrói-se, necessariamente, a partir de uma reflexão sobre a prática, na qual, portanto, novos conhecimentos são constantemente gerados e modificados.

Assim, o professor reflexivo constrói-se a partir da reflexão sobre sua prática, desenvolvendo-se, então, para atender as necessidades formativas encontradas a partir da diversidade, tornando-se capaz de trabalhar as potencialidades de seus alunos, bem como as diversidades que os envolvem, proporcionando relações multiculturais em sua sala de aula. Nessa direção, Queiroz (2013) indica que essa prática reflexiva deveria iniciar na universidade, pois:

Se a tônica da diversidade está impressa nos objetivos e conteúdos que norteiam a prática da educação musical escolar, por consequência, ela também deve estar na base das ações pedagógicas que configuram a prática de ensino do professor de música (QUEIROZ, 2013, p. 118).

Desta forma, desde o início da formação o professor deveria ter contato com a prática docente, onde surgem os problemas, de inúmeras naturezas, que devem ser estudados e resolvidos pelos futuros professores. Nesta lógica, se tornam ainda mais importantes programas como o PIBID e a Residência Pedagógica, que proporcionam essa práxis reflexiva que parte da prática para a teoria. Penna (2010) indica que a formação do professor reflexivo requer, obviamente, um outro modelo de formação, baseado na “racionalidade prática” (PENNA 2010, p. 31). Sendo assim, penso que “é fazendo que se aprende”, que é na prática concomitante com a teoria reflexiva que se forma esse professor reflexivo e apto a lecionar de forma multicultural.



Penso que os professores deste estado têm em mãos uma oportunidade única de promover a diversidade por meio da multiculturalidade em suas salas de aula, em suas aulas de música, e espero estar contribuindo para encontrar caminhos para que isso se concretize.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte. Com Arte. 200p. 1998.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC/SEPPIR, jul., 2004b.

CERESER, Cristina Mie Ito. *A formação de professores de Música sob a ótica dos alunos de Licenciatura*. 2003. 153 f. Dissertação. Mestrado em Educação Musical - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

MEC- Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/5-panfleto-para-imprimir-ou-enviar.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PENNA, Maura. *Mr. Holland*. O professor de música na educação básica e sua formação. *Revista da ABEM*, v. 23, p. 25-33, 2010.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, p. 49-56, 2007.

PENNA, Maura. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 13, p. 7-16, 2005.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. *Revista da ABEM*. Londrina. v. 22, n. 32, p. 90-103, 2014.

QUEIROZ. Luiz Ricardo Silva. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. *Inter Meio - Revista do Programa de Pós-Graduação*. Campo Grande, MS. V.19, n. 37, p. 95-124, 2013.

QUEIROZ. Luiz Ricardo Silva. Diversidade Musical e ensino de música. *Salto para o futuro/TV Escola MEC*. p.17-23, 2011.

SANTIAGO, Renan; IVENICKI, Ana. Música e diversidade cultural: divergências entre ensino conservatorial e a teoria do multiculturalismo na formação do professor. *REP's Revista Eventos Pedagógicos*. 19. ed. v.7, n.2, p. 943-962, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música*, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música, 2017.*